



A Carta-Objeto: Uma Análise Semiótica Da Plástica Das Cartas De Sá-Carneiro

Matheus Nogueira Schwartzmann*

Resumo: O presente artigo tem por objetivo descrever e analisar as estruturas materiais, morfológicas e práticas que organizam e definem a dimensão plástica da carta típica da correspondência de Mário de Sá-Carneiro a Fernando Pessoa, partindo de uma perspectiva em que se toma a carta como objeto tridimensional, inserido no seio de uma prática semiótica dada, a prática epistolar. Propõe-se aqui, portanto, uma análise que, na esteira das reflexões de Jacques Fontanille, notadamente, parte do nível de pertinência dos textos-enunciados (nível de excelência das análises semióticas de forma geral), passa pelo nível dos objetos-suportes e chega ao nível das práticas semióticas. Busca-se assim inicialmente estabelecer a natureza do objeto analisado – a “carta objeto” – para então dela depreender uma topologia, isto é, a organização espacial e hierárquica dos elementos da carta sá-carneiriana, e uma tipologia, segundo a qual se pode segmentar a correspondência em termos de cartas típicas e atípicas, as quais chamamos aqui de “cartas alteradas”. Diante das cartas típicas, percebe-se o domínio do sujeito sobre o “gênero de prática” de que se vale – a escrita de cartas – o que lhe permite manter uma alta regularidade temática e figurativa análoga à topologia também regular que estabelece. Já no que concerne às cartas alteradas, percebe-se uma “criatividade” do sujeito que, em meio à coerção formal do objeto-suporte e da prática epistolar, encontra uma forma de existência inédita que rompe com a norma e confirma o papel temático de poeta inventivo que assume na correspondência.

Palavras-chave: prática semiótica carta, objeto-suporte, Sá-Carneiro,

*[...] bâtir une semiotique des objets tel
qu'un navire qui, une fois quittée la terre
ferme, soit prêt à croiser dans cet espace
sans frontières et pourtant encore crispé
par les vagues du sens.*

(J. Fontanille e A. Zinna,
em *Les objets au quotidien*)

identificável, cujo conjunto é destinado a um uso ou uma prática mais ou menos especializada” (Fontanille, 2008a, p. 21). Um objeto terá sempre uma existência temporal, estará sempre ocupando um lugar e rodeado por outros objetos, por sujeitos, enfim, inserido em uma situação semiótica particular, em meio a uma prática semiótica específica.

Tal perspectiva, embora por vezes considerada “ariscada”, justifica-se porque, principalmente no caso de uma correspondência, o “objeto carta” propõe uma relação singular com os sujeitos que a manipulam, com os corpos dos sujeitos, evidenciando que a existência do texto epistolar está intrinsecamente ligada à forma do objeto em que o texto é veiculado/embalado.

Nossa proposta coaduna-se diretamente – e tem sua gênese justamente aí – com a proposta de Jacques Fontanille (2005; 2006; 2008a; 2008b) de modelos de análise para diferentes níveis pertinência da experiência semiótica, que, segundo o semioticista, podem ser todos convertidos em certos tipos de semióticas-objeto,

Introdução

A proposta deste artigo é levantar o olhar semiótico para além do texto da carta – do seu discurso, diriam outros – tentando alcançar a sua forma no mundo, tomando-a enquanto um objeto semiótico complexo, com mais de uma dimensão de análise. O que se propõe aqui é uma mudança de foco analítico, em que se parte obviamente do nível de pertinência de análise dos textos-enunciados e se caminha na direção de uma semiótica do objeto. Segundo essa perspectiva, os objetos devem então ser tomados como “estruturas materiais tridimensionais, dotadas de uma morfologia, de uma funcionalidade e de uma forma exterior

* Universidade de Franca UNIFRAN. Endereço para correspondência: (matheus_nogueira@uol.com.br).

¹ Segundo Fontanille (2008b), tais níveis dividem-se em seis tipos distintos: a experiência figurativa – que acontece no nível dos **signos**; a experiência interpretativa e textual – que acontece no nível dos **textos-enunciados**; a experiência corpóreo-material – que acontece no

já que são elaborações progressivas da experiência.¹

1. Texto e suporte de inscrição

Os textos-enunciados, objetos por excelência da semiótica até meados dos anos 1990, possuem dois planos de imanência: (1) uma face formal que acolhe coerentemente as figuras-signos que estão no nível inferior, com a qual já estamos familiarizados, pois é o nível do texto por excelência; e (2) uma face substancial que funciona como uma espécie de “força” que se apoia sobre um suporte-objeto, que serve por sua vez como “dispositivo de inscrição” (Fontanille, 2008a, p. 21). O texto-enunciado, então, encontra, em um nível de pertinência superior, o terceiro nível do percurso de Fontanille, um “suporte” de inscrição que terá, conseqüentemente, o estatuto (sempre do ponto de vista da experiência semiótica, que se opõe então à existência semiótica) de um “corpo-objeto”. É dessa maneira, incorporando o suporte de inscrição e sua materialidade à análise, que extrapolamos efetivamente o nível puramente textual e chegamos àqueles sentidos provocados pelo objeto.

No caso das cartas, o objeto suporte de inscrição do texto-enunciado verbal (o texto e o discurso epistolares) será quase em todas as situações, uma (ou mais) folha de papel que, graças às suas propriedades materiais (espessura, cor, textura), pode ser marcada, riscada por outro instrumento, uma caneta, um lápis, ou outro objeto qualquer que ofereça condições para a escrita e para a posterior leitura. Dessa forma, já podemos entrever que os corpos-objetos, assim como os textos-enunciados, possuem também dois planos de imanência: (1) uma forma sintagmática local, que seria a superfície ou o volume de inscrição, que é passível de receber inscrições significantes enquanto suporte de textos-enunciados (o papel da carta, o envelope); e (2) uma substância material que lhe permite desempenhar um papel actancial ou modal nas práticas de leitura e escrita de cartas.

Buscando demonstrar o alcance e o ganho teórico de uma perspectiva de análise que leve em conta as propriedades formais e materiais dos objetos, valeremos da análise de cartas extraídas da Correspondência de Mário de Sá-Carneiro com Fernando Pessoa (2004). Para o presente trabalho, a constituição dos atores, os valores partilhados, os afetos, não serão objetos centrais de estudo, restando-nos encontrar a “forma ideal” da carta do sujeito dito Sá-Carneiro. No entanto, como mostraremos a seguir, ao descrevermos o objeto “carta de Sá-Carneiro”, encontramos nele as marcas de um sujeito, de seus hábitos, de seu estilo, enfim, uma

forma de vida arquitetada em meio a coerções formais e materiais que o objeto cria.

2. A natureza do objeto

Nesse domínio, maior e mais fluido, os objetos podem ser tomados em toda a sua extensão. E, ainda mais que as palavras, eles fazem sentido porque habitam, de uma forma permanente, nossos espaços cotidianos. Os objetos que nos cercam equilibram nossa efemeridade graças a sua presença durável, já que ajudam a criar um ambiente mais estável onde, por fim, se dão as interações sociais.

Mas o que são os objetos e como podemos separá-los das coisas? E, ainda, como selecionar nossos objetos de análise? Fontanille e Alessandro Zinna (2005, p. 11) nos indicam um caminho possível, ao mostrar que podemos selecionar, tematicamente, aqueles objetos que fazem parte de nossa vida diária comum, os transportes, os alimentos, os aparelhos de higiene pessoal (barbeador, escova de dente) que transformam o corpo em uma superfície ou cavidade de intervenções, as roupas que se devem vestir, os aparelhos usados para comunicação etc.: (1) tudo aquilo que pode conter o corpo; (2) tudo aquilo que se pode introduzir ou fundir ao corpo; (3) tudo aquilo que possa estabelecer uma relação de aderência ou contato com o corpo (ressaltando, amenizando, reconstruindo sua silhueta); (4) tudo aquilo que possa servir de apêndice ou prótese prolongando ou ampliando as potencialidades e a capacidade comunicativa do corpo.

Graças a essa taxionomia preliminar, pode-se distinguir-se já os objetos que contêm o corpo, que são contidos e/ou absorvidos, que se estratificam em relação ao corpo ou a ele se superpõe, e mais geralmente, objetos que ampliam suas potencialidades funcionais ou estéticas.

Desse modo, a identidade dos objetos parece então se construir por meio dos diferentes tipos de relação de contigüidade ou de transitividade que eles estabelecem com o corpo dos atores. No entanto, o objeto ultrapassa essa relação com o corpo por conta das possíveis relações “meta-objetais” (a robótica, os elementos de conexão material, como cabos de força ou de transmissão de dados, cuja transitividade dirige-se essencialmente a outros objetos).

As modalidades de uso, os gestos, os gestos assim como os modos de interação que os objetos implicam são diferentes. No entanto, o papel de uma semiótica dos objetos é buscar estabelecer as categorias que vão nos permitir tratar justamente dessa heterogeneidade, ao mesmo tempo, de matérias, de funções, de mor-

nível dos **objetos**: a experiência prática – que acontece no nível das **cenias práticas**: a experiência das conjunturas e dos ajustamentos – que acontece no nível das **estratégias**; e a experiência dos estilos e dos comportamentos – que acontece, por fim, no nível das **formas de vida**. Dessa maneira, cada nível de pertinência acaba correspondendo, *grosso modo*, a um plano de imanência específico e a hierarquia entre eles torna-se também a hierarquia entre esses planos. À essa organização progressiva dos níveis de pertinência que se inter-relacionam, Fontanille deu o nome de “Percurso gerativo da expressão”.

fologias, de modalidades de construção ou de estados físicos. Serão (ou seriam?) essas categorias as responsáveis por fazer emergir essa base comum sobre a qual a comparação poderá fundar-se.

No caso aqui estudado, a existência de uma carta e de seu envelope dependerá diretamente da resistência de seu material e dos usos possíveis que dele se pode fazer. Um cartão-postal, por exemplo, que fosse escrito em papel de seda, teria uma duração mínima no tempo. Já um envelope de plástico preservaria uma carta intacta, por muito mais tempo e em situações de adversidade, como diante da umidade, de gotas de chuva, de um acidente qualquer. Ou seja, é da relação direta entre os diversos suportes que tomam forma, portanto, as características do objeto carta.

A composição da carta-objeto em “envelope + página” impõe uma sequência de fechamento > abertura, no plano da expressão e uma sequência de proposição > aceitação, no plano do conteúdo. Assim, temos o envelope, que é englobante, que mantém uma relação entre transparência e opacidade do papel em função do ser e parecer, e que possui uma dimensão tátil. A carta apresenta-se então como objeto maleável, com diversas manifestações possíveis, respeitando sempre os limites do suporte (tipo de papel, extensão, formato, etc), sofrendo coerções espaciais e materiais. São tais propriedades materiais da carta, portanto, que permitem que se organizem seus conteúdos textuais, topo e tipologicamente, como veremos.

3. Topologia textual

A carta organiza-se de maneira topológica, e isso acontece justamente por conta da constituição de seu **suporte formal**²: a folha de papel em branco, inserida em uma prática de escrita ocidental, permite a sua exploração bi-dimensional, frontal (frente/verso), horizontal (as linhas), vertical (alto/baixo), lateral (esquerda/direita). É somente quando essas formas de exploração são instauradas em uma prática epistolar que passam então a serem reguladas por um “sistema postal”³ bastante definido. Ou seja, como nos diz Henry Quere (1992), a partir do momento em que uma prática de escrita e uma prática postal encontram-se, cria-se uma hierarquia **minimamente constante** em que cada elemento tem um valor preestabelecido: tem-se assim uma **sequência canônica de ordem paratática**, a que os elementos textuais da carta estarão sempre subjacentes. Nas cartas de Sá-Carneiro, essa sequência pode, de uma forma bastante geral, ser

reduzida de uma proposta de Michel Adam (1998, p. 41), conforme a Tabela ??:

A sequência paratática da carta obedece às propriedades materiais que o objeto suporte oferece, e os explora segundo as leis postais. Tais “leis” têm origens em práticas sociais construídas ao longo do tempo, por tradição, sendo já institucionalizadas em uma dada cultura. São essas leis que propõem, por exemplo, o uso generalizado de datação no topo da carta, entre outras formas fixas que acompanham o envelope, como apontaremos.

Desse modo, a sequência canônica de composição da carta será: aquela que se inicia no Nível 1, passa obrigatoriamente pelo Nível 2, e encerra-se no Nível 3, percorrendo desse modo um percurso de cima para baixo, no plano vertical, seguindo, no plano horizontal, as leis da prática de escrita ocidental (esquerda *rightarrow* direita), podendo, sempre ocupar tanto a frente quanto o verso do objeto suporte (no entanto, alguns suportes específicos, por conta justamente de seu uso cristalizado em determinadas práticas epistolares, como veremos a seguir, não permitirão o uso das duas faces). A constituição da sequência canônica, como podemos ver, é, basicamente, da ordem de uma prática pragmática, pois o fazer epistolar é que estabelece uma organização espacial em função de lugares típicos da carta, cujos valores são bem sedimentados (não se confunde, por exemplo, o espaço da datação com o da inscrição do destinatário).

Como a prática epistolar é uma prática dialógica que pressupõe a existência de ao menos dois sujeitos participando (ou *querendo* participar) de uma mesma situação de interação, é preciso, então, que se estabeleçam estratégias (de abertura e de fechamento) que regulamentem a interação entre eles. Desse modo, os Níveis 1 e 3 acabam sendo os lugares em que se estabelecem essas estratégias: valendo-se de formas fáticas que instauram já a própria cena da carta, delimita-se a origem dêitica (pessoa, tempo, espaço) deste ato enunciativo. E isso tem suas consequências.

4. A plástica das cartas

É somente por ter domínio da organização topológica da carta e do cartão-postal que o sujeito epistolar pode, dentro desses espaços de coerção, criar novas formas de organização do texto sem, no entanto, descaracterizar o gênero de comunicação do qual se serve. Nas cartas de Mário de Sá-Carneiro o conjunto de leis e

²Suporte formal seria a estrutura em que se organizam as inscrições, a estrutura que, por fim, ordena o conjunto de regras topológicas de orientação, de dimensão, de proporção e, especialmente, de segmentação, regras essas que vão coagir e então fazer significar os caracteres inscritos.

³O que chamamos de sistema postal ou prática postal é o sistema constituído de uma série de protocolos de identificação, classificação e valoração dos objetos postais. O sistema postal primeiramente recebe a carta, para então, depois de identificada e certificada, ser expedida. É esse o conjunto de regras e situações estabelecidos por lei ou tradição que regulamentam o funcionamento, em uma dada cultura, da prática epistolar. O sistema postal engloba ainda os meios materiais que possibilitam a troca epistolar, isto é, desde o próprio suporte da carta e do envelope, até a aparelhagem tecnológica e humana com que o suporte interage.

Nível 1	Querido amigo	Paris 20 Out. 1912
Nível 2	<p>Francamente não tenho nada de interessante a dizer-lhe. Cá vou passeando pelos boulevards como aí passeio pelo Rossio e rua do Ouro. Simplesmente não topo nem com o Castañe das cartas amorosas nem com o eterno Ramos da “quimera”... Que coisas interessantes tem você a dizer-me? Surgiram-lhe ultimamente idéias novas? Não se esqueça de mo escrever. E o inquérito da República? Têm aparecido novos polemistas? Se tiver pachorra responda-me a isto e a mais esta pergunta: O Santa-Rita já voltou para Lisboa? Eu escrevi-lhe de cá para o Estoril. Livros importantes não têm aparecido ultimamente. Nas montras das livrarias apenas se ostentam volumes que já havia aí e alguns novos romances policiais – literatura que há anos já é a preferida pelos leitores de todo o mundo... Quanto a novidades literárias pessoais tenho uma a dar-lhe: Encontrei um belo episódio final para Gentil Amor. É um episódio doloroso, lamentável e perturbante que fechará muito bem o volume – porque segundo se me afigura quase certo a novela estender-se-á a umas 3 horas de leitura. O que preciso é começar a escrevê-la. Fã-lo-ei logo após me ter instalado definitivamente, o que sucederá para a semana. É mesmo melhor você não me responder a esta carta senão depois de eu lhe enviar o meu novo endereço.</p> <p>Por hoje, mais nada. Isto é: resta-me falar-lhe no tempo, coisa imprescindível numa carta destas: Tem havido muita bruma, unguida de quando em quando por alguns raios dourados do cálice de hóstia rubra... (sem espírito nem ofensa; você sabe muito bem quanto simpatizo e respeito a Renascença e – antes de mais nada – o seu crítico).</p>	
Nível 3	Um grande abraço de sincero amigo	o Sá-Carneiro
Retomada de Nível 2	<p>Como vai o folheto? Assim que receber o meu novo endereço, responda-me imediatamente!</p> <p style="text-align: right;">Sá</p>	

Tabela 2

Carta exemplar em Sá-Carneiro.

hierarquias que definem os limites da prática epistolar apresentam-se em muitos casos *distendidos*, isto é, à prática epistolar são incorporadas outras práticas de escrita – visando ou não um efeito estético – que instauram também novas práticas de leitura da carta.

Se privilegiado o efeito estético, o conjunto de cartas também pode ser (e tem sido muitas vezes) apreendido em uma dimensão literária, graças, efetivamente, à edição à que as cartas foram submetidas. No entanto, não é exatamente essa dimensão que nos interessa, mas sim a forma como Sá-Carneiro levou a sua literatura para as cartas, ou, mais exatamente, as *formas* como Sá-Carneiro acomodou diversas práticas, literárias ou não, em sua própria prática epistolar, estabelecendo assim tipos de carta e de cartões-postais.

Se privilegiarmos, portanto, o “sentido” material da carta, encontraremos alguns tipos de cartas que podem até mesmo ser chamadas de cartas poéticas, mas no que a poesia tem de *alteração das formas canônicas*.

Veremos desse modo, como Sá-Carneiro faz um jogo entre suporte formal e suporte material, oferecendo-nos uma forma de carta que, sendo original, rompe os limites da forma epistolar sem, no entanto, como apontamos, descaracterizá-la. Ou seja, na correspondência de Sá-Carneiro há espaço para cartas que chamaremos de “típicas”, e para aquelas que não seguem o padrão cunhado pelo próprio sujeito, que chamaremos de “alteradas”.

5. Cartas típicas em Sá-Carneiro

As chamadas cartas típicas sá-carneirianas, são aquelas que respeitam os limites do suporte formal e as coerções do suporte material, a começar pela que chamamos de carta simples. A primeira carta exemplar desse tipo é justamente a primeira carta da correspondência (Sá-Carneiro, 2004, p. 31-32). Vejamos a Tabela2.

Essa carta, razoavelmente breve, já indica a forma como Sá-Carneiro responde às cartas de Pessoa e como divide em partes os temas dos quais trata.

No Nível 1, temos os elementos que instauram, como já dissemos, o tempo e o espaço do sujeito remetente, dando início, dessa forma à carta propriamente dita. Na passagem do Nível 1 ao 2 temos, aqui, o vocativo que se repetirá em quase todas as cartas. Não há carta ⁴de Sá-Carneiro sem o cabeçalho que indique a

sua procedência espaço-temporal, no entanto, existem cartas em que a presença do destinatário não é instaurada de imediato por um vocativo epistolar padrão, surgindo, desse modo, logo após uma pequena frase ligada, mais frequentemente, à instauração da cena espacial.

A Tabela 3 traz uma lista que pode bem exemplificar a constância da estrutura epistolar adotada por Sá-Carneiro (2004, p. 31-35):

FORMAS DE CABEÇALHO (NÍVEL 1)	
Ancoragem espaço-temporal	Instauração do contato com o destinatário
Paris 20 Out. 1912	Querido amigo
22 Out. 1912/de Paris	Querido amigo
Paris, 28 Out. 1912	Querido amigo
Paris 16 Novembro 1912	Meu caro amigo
Paris ? Dezembro de 1912/Dia 2	Meu querido amigo
Paris ? Dezembro de 1912/Dia 3	Meu caro Pessoa
Paris, 9 10 Dezembro 1912	Meu caro amigo
Paris, Ano de 1912/Último dia	Meu querido amigo
Paris ? Janeiro de 1913/Dia 7	Meu querido amigo
Paris 21 Janeiro 1913	Meu querido amigo
Paris 21 de janeiro de 1913/às 10 horas da noite	Meu querido amigo
Paris ? Fevereiro de 1913/Dia 3	Meu querido amigo
Paris ? Fevereiro de 1913/ Dia 26	Meu querido amigo
Paris, 27 Junho 1914	Meu querido Amigo
Paris ? 12 Junho de 1914	Em ouro, meu caro Amigo, Paris! ? em Ouro
Paris ? Junho de 1914/Dia 15	Refugio-me da chuva, meu querido Fernando Pessoa
Paris, 23 Junho 1914	Muito obrigado meu querido Amigo
Paris, 27 Junho 1914	Meu Querido Amigo
Paris ? Junho de 1914/ Dia 28	Meu Querido Amigo
Paris, 30 Junho 1914	Meu querido Fernando Pessoa
Paris, 3 Julho 1914	Meu Querido Amigo
Paris ? Agosto 1915/ Dia 2	Não sei realmente meu querido Amigo
Paris ? Agosto 1915/ Dia 7	Meu Querido Fernando Pessoa
Paris ? Janeiro 1916/ Dia 8	Meu Querido Amigo
Paris ? Janeiro 1916/ Dia 13	Meu Querido Amigo
3 Abril 1916	Adeus, meu Querido Fernando Pessoa

Tabela 3

Formas de cabeçalho

A lista não é certamente exaustiva e visa apenas mostrar que ao longo dos anos o máximo de variação que ocorre é a inserção das pequenas frases introdutórias. Nos postais em que o destinatário surge enunciado teríamos também variações poucas, como “Ó Fernando Pessoa” (Sá-Carneiro, 2004, p. 155) ou “Mártir S. Fernando (Pessoa) das Provas!” (Sá-Carneiro, 2004, p. 153) e mesmo a supressão do nome do destinatário como em “Outro erro: Você viu o automóvel”

(Sá-Carneiro, 2004, p.152) ou “Sabe? Amanhã às 3 horas em minha casa” (Sá-Carneiro, 2004, p. 152) . A supressão, nesses casos, é possível dada a forma condensada e “telegráfica” que nos postais é corriqueira. Desse modo, podemos ver como a prática epistolar em Sá-Carneiro é, ao menos do ponto de vista da instauração da sua enunciação epistolar, bastante regular.

No nível 2, por mais que tudo aí possa existir, enfim, todas as “trans-disciplinaridades” evocadas por

⁴Existem algumas raras exceções de cartões-postais não datados. Os postais podem, ainda, com alguma frequência, não apresentar, de imediato, a presença do destinatário. Nesses postais, o destinatário é invocado por meio de outras expressões, como os pronomes oblíquos ou possessivos (escrevo **lhe**. recebi **seu/sua** postal/carta).

Greimas (1988, p. 5) Greimas (1988, p. 5), haverá também regularidade. No caso da carta que ora citamos, temos de início, a passagem de Nível 1 ao Nível 2, com uma “frase sem assunto”: “Francamente não tenho nada de interessante a dizer-lhe”. Essa fórmula que será repetida algumas vezes é também própria à prática epistolar, em que por vezes, a cena prática da carta é construída apenas para manter um contato com o destinatário. O sujeito epistolar, na posição de remetente, vale-se do objeto-carta simplesmente como uma forma de intermédio entre ele e o outro distante. A carta, como bem apontou Landowski (2002, p. 168) Landowski (2002, p. 168), surge assim não como algo a dizer, mas como tentativa de preencher o vazio (a falta) deixado pelo outro, ou ainda como a própria extensão do corpo do sujeito que busca tocar o ente ausente. De Barcelona, em 30 de agosto de 1914, por exemplo, escreve Sá-Carneiro: “Meu querido amigo./Não sei ainda nada – nada./Escrevo-lhe mais para fixar instantes do que para outra coisa” (Sá-Carneiro, 2004, p. 215). Não coincidentemente, nas duas cartas a declaração do “nada a dizer” ocupa os mesmos espaços, pois é aí que se busca construir a carta, ou melhor, é esse o espaço da passagem da marcação epistolar pontual (de Nível 1) ao processo epistolar como um todo (como ainda veremos, algumas cartas permanecerão no Nível 1, instaurando apenas pontualmente a cena epistolar).

Esse tipo de carta sem “nada a dizer” não é uma carta-resposta, na qual bastaria retomar a carta anterior logo de início: e é justamente nesse fato que reside a dificuldade do sujeito em construí-la como carta-estímulo. É por essa razão que cartas urgentes ou com outros fins específicos jamais passam por essa “fase” de indeterminação, chegando facilmente aos temas que serão tratados, como quando pretende enviar alguma novidade “Meu querido Fernando/Aí vai outra poesia” (Sá-Carneiro, 2004, p.116) ou cobrar notícias “Meu querido amigo/Perdoe-me. Você está-se atrasando um bocadinho” (Sá-Carneiro, 2004, p. 147). A carta de Sá-Carneiro, quando já assumidamente uma carta-resposta, apresenta essa sua função de maneira enunciada, também na passagem do Nível 1 ao Nível 2 da seguinte maneira: “Recebi a sua carta de anteontem” (Sá-Carneiro, 2004, p. 62) ou “recebi hoje a sua carta que muito agradeço” (Sá-Carneiro, 2004, p. 195). Há ainda uma outra maneira de ultrapassar o intróito, valendo-se da ancoragem espacial, que reconstrói (e reafirma) a cena da escrita da carta, como em “Meu querido amigo/Cá estou outra vez” (Sá-Carneiro, 2004, p. 127) e em “Meu querido Fernando Pessoa/Cá estou de novo a maçã-lo” (Sá-Carneiro, 2004, p. 110).

Todas essas maneiras de se chegar, enfim,

⁵Chamamos de **tópicos**, os temas ou assuntos tratados em cada carta, cuja divisão parece bastante clara ou por ser propriamente enunciada, ou por estar visualmente (topologicamente, portanto) separados uns dos outros.

⁶É o caso que ocorre na carta de 02 de dezembro de 1912 em que lemos: “vou passando um pouco melhor, muito pouco aliás. Por quê? Sem motivos...” (Sá-Carneiro, 2004, p. 40).

ao assunto da carta, a construção dessa espécie de prólogo, são estratégias que visam trazer o destinatário, pouco a pouco, para a cena que se constrói. São, enfim, estratégias que estabelecem o contrato entre os interlocutores, permitindo que ambos partilhem de um mesmo campo de presença. Somente após ter se estabelecido esse contrato mínimo, o sujeito epistolar remetente poderá conduzir seu destinatário-leitor aos outros conteúdos da carta.

Estando já no Nível 2, podemos ler nessa carta quatro tópicos⁵ distintos que serão também constantes nas cartas de Sá-Carneiro, mas que surgirão em intensidade e extensão variadas. O primeiro tópico trata de instaurar já o estímulo à carta posterior (a resposta de Pessoa), que dará continuidade à troca epistolar, tendo, assim, também uma função estratégica:

Que coisas interessantes tem você a dizer-me? Surgiram-lhe ultimamente idéias novas? Não se esqueça de mo escrever. E o inquérito da República? Têm aparecido novos polemistas? Se tiver pachorra responda-me a isto e a mais esta pergunta: O Santa-Rita já voltou para Lisboa? Eu escrevi-lhe de cá para o Estoril (Sá-Carneiro, 2004, p 31-32).

Cria-se assim todo o universo do diálogo possível entre os dois interlocutores. Sá-Carneiro muitas vezes usará as retomadas e as inserções fáticas, propondo questões ao seu interlocutor ou mesmo supondo as que este lhe faria já as respondendo⁶ antecipadamente dando ao seu texto ares de uma conversa face a face. Em uma carta que ainda comentaremos temos, por exemplo, entre outras tantas, as seguintes interrogações: “não é verdade? [...] não será no entanto um simples bailado de palavras? [...] E sabe por quê? É que eu aí comecei compondo apoiado [...] Sabe por que eu o empreguei? Vai ver [...] Mas como fazer-lhe chegar o dinheiro às mãos, a si?” (Sá-Carneiro, 2004, p. 104-110). Desse modo, ainda que o destinatário Fernando Pessoa restringisse-se apenas a essas questões, já teria elementos suficientes para confeccionar uma carta-resposta.

O segundo tópico que traz a primeira carta da correspondência parece responder a uma questão anteriormente proposta, a qual não temos acesso, mas que podemos no entanto supor:

Livros importantes não têm aparecido ultimamente. Nas montras das livrarias apenas se ostentam volumes que já havia aí e alguns

novos romances policiais ? literatura que há anos já é a preferida pelos leitores de todo o mundo[...] (Sá-Carneiro, 2004, p. 31-32).

Certamente, em carta anterior ou mesmo pessoalmente, Pessoa poderia ter dito a Sá-Carneiro o que se diz comumente em situações de viagem ⁷: *chegando lá me diga o que há de novo*, por exemplo, se pessoalmente, ou *o que há de novo aí*, se por carta. Temos assim já um pequeno esboço da carta típica sá-carneiriana: logo de início instaurar um estímulo (Tópico 1), e na sequência partir para as possíveis respostas (Tópico 2).

O terceiro tópico dessa carta é o que em Sá-Carneiro será o mais profícuo, justamente o que lhe dá o aspecto de carta literária, sendo enfim o mais visado por toda a crítica sá-carneiriana, por oferecer os indícios da gênese de sua obra. Como vemos a seguir:

Quanto a novidades literárias pessoais tenho uma a dar-lhe: Encontrei um belo episódio final para *Gentil Amor*. É um episódio doloroso, lamentável e perturbante que fechará muito bem o volume – porque segundo se me afigura quase certo a novela estender-se-á a umas 3 horas de leitura. O que preciso é começar a escrevê-la. Fá-lo-ei logo após me ter instalado definitivamente, o que sucederá para a semana. É mesmo melhor você não me responder a esta carta senão depois de eu lhe enviar o meu novo endereço (Sá-Carneiro, 2004, p. 31-32).

No entanto, nessa primeira carta, o tópico de teor literário? funde-se ainda aos dados inerentes à troca epistolar, pois a troca até aqui ainda não foi completamente estabelecida (pois falta ainda a fixação dos dados do remetente, por ora, incertos). Vale destacar ainda a extensão da novela que Sá-Carneiro escreve: “3 horas de leitura”. Vemos assim que Sá-Carneiro é

Chegamos, enfim, ao Nível 3 da carta simples típica, em que temos o fecho que é também padrão (assim como a abertura, como já ilustramos): “Um grande abraço de sincero amigo/ o/ Sá-Carneiro”. Sendo essa a primeira carta, é também a primeira vez em que a sinceridade é enunciada, sinceridade esta que será uma das bases da correspondência de Sá-Carneiro. De forma geral, os fechos serão sempre simples, incluindo abraços, por vezes saudades, e sempre a assinatura de Sá-Carneiro, que poderá variar entre “Mário de Sá-Carneiro”, “Sá-Carneiro”, “Sá”, “Mário” e apenas em

capaz de estimar o tempo de atualização da enunciação por ele produzida, e como ainda mostraremos, deixará claro também o tempo de leitura das cartas recebidas de Pessoa e o tempo de escrita das que a ele envia.

Para encerrar a carta, um último tópico que já a leva, também gradualmente, para o Nível 3:

Por hoje, mais nada. Isto é: resta-me falar-lhe no tempo, coisa imprescindível numa carta destas: Tem havido muita bruma, unguida de quando em quando por alguns raios dourados do cálice de hóstia rubra... (sem espírito nem ofensa; você sabe muito bem quanto simpatizo e respeito a Renascença e – antes de mais nada – o seu crítico) (Sá-Carneiro, 2004, p. 31-32).

Com a frase “Por hoje, mais nada” estaríamos já no ponto de contato entre os Níveis 2 e 3. No entanto, a carta se prolonga. É notável o que diz Sá-Carneiro sobre o que se deve dizer “numa carta destas”. Vemos claramente o domínio do gênero sob as mãos de Sá-Carneiro, que parece considerar tal carta como ato epistolar banal (já que não trata de novidades literárias), cujo único interesse seria “falar do tempo”. Aí também já está pronunciada sua afetação que traz ao “tempo” o aspecto fantástico e surreal tão comum na sua obra (o que permite à crítica ver já aí “literatura”).

A passagem entre os Níveis 2 e 3 dar-se-á também de maneira quase idêntica, e pode ser sempre percebida a partir do momento em que o sujeito-epistolar enuncia o imperativo “escreva”, como já tivemos ocasião de mostrar. O imperativo tem também função estratégica e estará muitas vezes envolvido na cena da súplica a qual já comentamos e da qual mais detalhadamente trataremos: a cada final de carta de Sá-Carneiro temos a súplica insistente e por vezes desesperada de que a correspondência seja mantida. Vejamos alguns exemplos na Tabela 4:

dois telegramas “Carneiro”. Ao final do Nível 3 temos ainda o post-scriptum, que se configura como a retomada do Nível 2, podendo inserir um novo tópico ou apenas retomar um dos já inseridos. Mas disso trataremos a seguir.

Outra carta que podemos citar como exemplo de carta típica seria uma carta composta, na qual vemos, portanto, inserções pontuais de produções literárias de Sá-Carneiro. Trate-se da carta do dia 21 de abril de 1913 (Sá-Carneiro, 2004, p. 104-110), em que poderemos ver não apenas quatro tópicos, mas sim oito, e

⁷Note-se que se podemos “imaginar” perguntas e respostas de uma situação típica, como a de partida em viagem de um sujeito, é porque tal situação instaura práticas também típicas, como a cena prática da despedida, ou a cena prática de solicitação de notícias, ambas marcadas por frases (também) típicas de uma cultura: “adeus/boa viagem” ou “escreva/dê notícias” respectivamente.

⁸Na edição que aqui empregamos, a carta chega a sete páginas quase completas.

FORMAS DE SÚPLICA (NÍVEL 2 - NÍVEL 3)		
Exemplos		Data da carta
“Suplico-lhe que me escreva longamente”	p. 35	28/10/1912
“Rogo-lhe de novo perdão e peço-lhe que me escreva o mais breve possível”	p. 38	16/11/1912
“rogando-lhe eu que me escreva amiudadas vezes”	p. 42	02/12/1912
“perdoe-me do coração e escreva-me depressa, muito depressa”	p. 57	21/01/1913
“resposta sincera o mais breve possível”	p. 68	03/02/1913
“escreva-me longamente dando muitas novas literário-pessoais”	p. 89	16/03/1913
“Escreva sempre. Dê-me novidades daí”	p. 166	15/06/1914
“Escreva sempre, mande as obras de Ricardo Reis”	p. 170	23/06/1914
“Escreva!... Milhões de abraços!”	p. 205	10/08/1914
“Escreva brevemente Paris posta-restante”	p. 244	13/07/1915
“E escreva-me também, por amor de Deus”	p. 258	02/08/1915
“Não se esqueça. Escreva!”	p. 281	30/08/1915
“E embora tradução escreva, escreva!”	p. 332	10/12/1915
“Suplico-lhe que escreva”	p. 349	30/01/1916
“Escreva-me muito - o mais depressa possível. Não se esqueça!”	p. 353	03/02/1916
“Você escreva”	p. 378	04/04/1916
“Tenha pena de mim: escreva-me imediatamente”	p. 380	17/04/1916

Tabela 4
Formas de súplica

dada a sua longa extensão ⁸, citaremos aqui apenas fragmentos imprescindíveis para a exemplificação.

A carta inicia-se como todas as outras, com o cabeçalho e o vocativo padrões: “Paris - Abril de 1913/Dia 21/Meu querido amigo”. Na passagem do Nível 1 ao Nível 2 temos a retomada de carta anterior:

Recebi ontem a sua carta e mais uma vez lhe peço perdão de outro dia ter lhe enviado um postal. O meu amigo é tão amável, escreve-me cartas tão longas que na verdade é exorbitar ainda em cima lhe escrever postais a pedir resposta! (grifo nosso).

Como podemos ver, ela é claramente uma carta-resposta. No entanto, o que realmente é preciso indicar nessa carta é a forma como Sá-Carneiro vai segmentá-la, forma essa que ele adota enfim em todas as outras cartas, mas que aqui aparece de maneira declarada. Vejamos como se dá, então, o início do Nível 2 da carta:

Sá-Carneiro por vezes manterá um diálogo direto com seu destinatário, retomando uma de suas falas anteriores (“Diz você”), e por vezes apenas se resignará a responder diretamente uma questão, seja ela pontual (“Ramos continua no Brasil”) ou não (“Sobre o Gomes Leal”), sem reinstaurar a presença de Pessoa em seu discurso. Temos ainda a inserção do que não parecem ser respostas, como os tópicos 5 e 7, que seriam apenas formas de já induzir um estímulo para a próxima carta de Pessoa.

Ao final do tópico 8 temos a passagem de Nível 2

Tenho a sua carta aberta diante de mim. **Vou a percorrendo ao mesmo tempo que lhe escreverei esta**, respondendo àquilo que resposta me sugerir (grifo nosso).

De forma geral, as cartas de Sá-Carneiro que forem, em princípio, resposta a uma carta de Fernando Pessoa, obedecerão a essa sequência que aqui ele enuncia: diante da carta-estímulo, construir a sua carta-resposta. No entanto, nem todos os tópicos de suas cartas serão respostas pontuais como é, por exemplo, retomada como concatenação simples proposta por (Grize, 1988, p. 13-17). Por vezes uma resposta pode vir alternada, aparecendo apenas em cartas mais distantes, e não logo na subsequente imediata. Apenas para dar uma ideia geral de como se organiza essa carta, vejamos como cada tópico é iniciado na Tabela 5:

a Nível 3, que também segue o mesmo padrão de Sá-Carneiro, mas em que, no entanto, há uma pequena variação da forma imperativa ?escreva?, que é desdobrada de maneira quase eufêmica, como destacamos abaixo:

Meu querido Fernando, mais uma vez lhe quero exprimir toda a minha gratidão pelos serviços que lhe devo. Nunca lho poderei agradecer. **Só lhe peço que continue estimando-me e falando-me de si e**

Tópico 1	[...] Diz você que na sua opinião, do Ponce e Correio de Oliveira, no “Bailado” eu <i>transbordei</i> . Eu acho preferível outro termo: <i>transviei</i> [...]
Tópico 2	[...] Quanto ao “Além”. O <i>sujavam</i> deve-se na verdade eliminar. Sabe por que eu o empreguei? Vai ver: é curioso e infantil. Foi para ter a impressão de coisas a correr sobre o corpo pelo abrandamento sucessivo da gutural: <i>sulcavam</i> , <i>sugavam</i> , <i>sujavam</i> . Mas em verdade sonicamente não dá a impressão desejada e a palavra é imprópria e, sobretudo, feia [...]
Tópico 3	[...] Vi as linhas da <i>Águia</i> e achei também imensa graça. Aquilo deve ser do Álvaro Pinto [...]
Tópico 4	[...] Banido o <i>Estudo</i> a Ruivo, especialmente pelo Sherlock Holmes [...]
Tópico 5	[...] Sobre o Gomes Leal com todo o gosto concorrerei com alguma coisa [...]
Tópico 6	[...] As provas do <i>Homem dos Sonhos</i> se não chegaram a tempo de eu as rever não faz mal, pois confio inteiramente em Fernando Pessoa o revisor [...]
Tópico 7	[...] Duas ideias novas que aqui lhe escrevo, copiando textualmente o apontamento telegráfico que tenho num prospecto [...]
Tópico 8	[...] O Ramos continua no Brasil [...]

Tabela 5

Exemplos de tópicos temáticos

de mim, com o máximo desassombro (grifo nosso).

Enfim, chega-se ao Nível 3 (Um grande abraço/o seu/ Sá-Carneiro) e a um *post-scriptum*, que reitera a súplica frequente (por ele ainda destacada) e acrescenta uma pergunta a um amigo comum:

Atrevo-me a pedir que me responda o mais breve que puder! E pergunte ao Ponce, da minha parte, se está bom de saúde... Mais um abraço o Sá

Vale dizer ainda que em algumas cartas cada tópico surge já devidamente nomeado, indicando, principalmente nas cartas que são escritas depois de 1914, do que tratam efetivamente, como nas cartas de 15 de junho (Sá-Carneiro, 2004, p. 165-167) em que se podem ler: “*Estado moral e físico* [...] *Gente conhecida* [...] *Petite semaine*”, de 23 de junho de 1914 (Sá-Carneiro, 2004, p. 167-170) em que se lêem os tópicos: “*Lepidopteria/Gente-conhecida/Literatura*”, e de 5 de julho, em que se pode ler “*Literatura/Diversos assuntos*”.

A estrutura típica da carta de Sá-Carneiro obedecerá, portanto, sempre a esse conjunto de hierarquias por ele sedimentadas, como pudemos ver. Seguindo, desse modo, a orientação da esquerda para direita, Sá-Carneiro conduzirá seu leitor a uma sequência de enunciados temáticos recorrentes. É desse modo que vemos a materialidade da carta – a estrutura do papel, sua topologia – homologar-se definitivamente ao conteúdo epistolar: a cada nível, a cada região da carta, estarão associados conteúdos fixos. Teremos sempre,

na base da carta (passagem do nível 2 ao 3), um “Sá-Carneiro” ou um “Mário” que, suplicante, encerra mais uma conversa, mais um diálogo sobre literatura, sobre amizade, sobre amenidades, com seu “querido amigo”, instaurado sempre no topo (nível 1) da carta.

O único elemento que pode sofrer uma variação mais intensa no esquema (lembrando-se de que os tópicos sempre existem, mas nem sempre são os mesmo ou seguem a mesma ordem de aparição) é o *post-scriptum*, ou a retomada de Nível 2 que, por vezes, poderá não existir. No entanto, como veremos, o *post-scriptum* sá-carneiriano está presente na grande maioria das cartas, podendo mesmo, em alguns casos, ser ele também seguido de ainda outro *post-scriptum*.

6. Cartas alteradas

Na correspondência de Sá-Carneiro conhecida temos apenas oito exemplos de cartas, mais especificamente seis cartões-postais⁹ e duas cartas (de 7 de janeiro e de 26 de fevereiro de 1913) que rompem definitivamente os limites impostos pela topologia epistolar. Tais rupturas estão intrinsecamente à forma do cartão-postal e da carta, tendo, no caso do cartão, uma forte condensação espacial, fruto da extrema coerção do sistema postal à prática epistolar. No entanto, devido ao espaço que um artigo nos permite (coerção de ordem prática, evidentemente), focaremos apenas nas cartas propriamente ditas, cartas estas em que se desfazem os limites epistolares, estabelecendo-se uma prática de leitura senão análoga à própria prática de composição da carta, ao menos ao tempo de sua enunciação.

Na carta de 7 de janeiro de 1913 (Sá-Carneiro, 2004,

⁹Sobre os cartões atípicos de Mário de Sá-Carneiro, ver Schwartzmann, 2009, p. 147-154.

p. 50-53), temos uma alteração gerada por interferência de outras práticas, mas que da forma como foi editada jamais perceberíamos. Isso certamente evidencia a importância de se tratar da materialidade da carta, o que nos pode sempre oferecer uma maior compreensão de sua estrutura e por isso de seu sentido. Chegar a esse elemento material aqui só foi possível graças aos meios que temos para restituí-lo, já que não pudemos ter a carta, literalmente, em mãos.

No final da carta, temos uma frase que parece ser um *post-scriptum*, já que surge após assinatura de Sá-Carneiro: “Como todas as minhas cartas esta é infame na prosa e na caligrafia. Mil perdões. É que tocam a *Martinica* aqui ao pé de mim[...]” (Sá-Carneiro, 2004, p. 53). Se não fosse, portanto, a “intrusão” do actante-excêntrico, do ator editor, que nessa frase insere uma nota, não poderíamos realmente distinguir tal trecho de um *post-scriptum*. De acordo com Cunha (2004, p. 415), portanto:

Nas páginas 4 e 9 da carta, ambas por escrever, Sá-Carneiro acrescentou respectivamente: “A distração fez deixar em branco esta página” “...e o mesmo sucedeu a esta[...]”, tendo ainda acrescentado, nessas mesmas folhas em branco, este apontamento autocrítico que na presente edição se transporta para este lugar final.

O “apontamento autocrítico” é o trecho que anteriormente citamos, em que o sujeito tem a sua “prática caligráfica”, sua prática de escrita, enfim, alterada por todo um ambiente. A alteração na caligrafia mostra como Sá-Carneiro não se ajusta (*e como sua prática não se ajusta*) às práticas em que se insere. No entanto, com o esclarecimento de Cunha, vemos que, em primeiro lugar, a justificativa não é necessariamente um *post-scriptum*, pois tendo sido inserida no meio da carta, torna-se impossível determinar se foi ali inscrita durante ou depois de a ter completamente escrito. E isso pode mudar todo o sentido da frase ali enunciada, pois poderia até mesmo ser uma justificativa “em ato”, uma autocensura que, surgida no meio da carta, acompanharia (moralizaria) todo o ato de escrita. O que seria diferente se, depois de ter escrito a carta, o sujeito voltasse a um determinado ponto, e enfim desse a sua sentença.

Dessa maneira vemos três práticas distintas em conflito: a prática epistolar de Sá-Carneiro acidentada por conta da interferência de uma cena prática exterior, que ainda sofre uma mudança radical quando literalmente *cortada* pela prática de edição. Temos ainda o problema das páginas em branco, que são materialmente, a *distração* do sujeito, distração, ocasionada, certamente, por outras práticas que o convocam. Diante das cartas originais poderíamos ainda examinar o que vinha sendo dito, o que foi interrompido pela

“distração-página branca”, análise essa que, no entanto, é impossível empreender com a sua transcrição apenas: sem podermos realmente tocar o objeto material vemos assim o sentido escapar de nossas mãos.

Já o segundo exemplo de carta “acidentada”, o acidente, a alteração, é proposital e busca um efeito de sentido premeditado. Na carta de 26 de fevereiro (Sá-Carneiro, 2004, p. 69-79), vemos o sujeito-remetente alterar voluntariamente a prática de leitura de seu destinatário. A carta assim começa:

[...] Eu aviso-o de antemão que isto vai ser uma catástrofe! Uma carta sem fim, quero dizer. Toca a apertar a letra por causa da franquia... Vai junta uma poesia. Peço-lhe que a leia ao chegar a este ponto [...] peço-lhe que a leia já porque é mais fácil depois ler o que sobre ela escrevo agora. Mesmo para não tomar conhecimento dela já desflorada pelas citações que vou fazer. Aqui é que é a leitura
.....
.....
Eu gosto dos versos que o meu amigo teve a pachorra **de acabar de ler** [...] (Sá-Carneiro, 2004, p. 70, grifo nosso)

Podemos ler nessa carta de imediato, duas coerções de ordens diferentes. Uma coerção do sistema postal que, ao tarifar as cartas, impõe ao sujeito um maior preço por uma maior carta, fazendo com que o sujeito, para economizar dinheiro, economize também espaço material de seu objeto-suporte e, assim, mais uma vez “aperte a letra”. A segunda coerção é epistolar: o próprio sujeito-remetente impõe ao seu destinatário-leitor um modo, um protocolo de leitura bem delimitado, usando mesmo uma demarcação visual de dois tipos: a mudança da letra em “leitura” (o uso do itálico nas cartas indica um destaque do próprio autor) e as linhas pontilhadas – que são também um dos recursos de Sá-Carneiro para criar períodos de silêncio (de “não leitura”) na leitura de seus contos e poemas.

No entanto, a alteração material aqui é menos perceptível, quicá virtual: o destinatário, diante da norma que lhe é imposta, deve folhear a carta, percorrê-la sem no entanto lê-la, chegando ao poema que se encontra anexo, no final. Temos assim a imposição de uma nova forma de manipulação da carta, que também subverte a sua ordem canônica de leitura: o texto-enunciado, inscrito em um objeto-suporte, modifica dessa maneira a prática de manipulação do próprio objeto.

Há também aí uma homologação do tempo de escrita ou de construção da carta, de um lado, ao tempo de sua leitura, de outro, que só é eficiente dentro de uma prática epistolar que funciona, como bem veremos, no interior de um contrato fiduciário sólido. Para conseguir o efeito que busca, o sujeito-epistolar aqui conta com a *sinceridade* do outro, *crendo* que outro

o *respeitará*, já que, diferentemente dos pedidos de manutenção da correspondência (que veremos logo a seguir) o sujeito não emprega verbos no imperativo – embora a súplica, elemento importante na manutenção da correspondência, como veremos, também aí possa ser vista.

Ainda nessa mesma carta temos, três páginas adiante, separadas do corpo da carta, em destaque, as seguintes frases, que aqui citamos tal qual aparecem na correspondência

Aqui agora existe o intervalo 2 horas após, tendo jantado (Sá-Carneiro, 2004, p. 73).

A escrita de uma carta, por si só, jamais marcaria esse tempo de intervalo, que, aliás, aqui só é realmente marcado pelo sujeito, pois do ponto de vista da coerência da carta, o intervalo separa apenas uma mudança de tópico, de assunto, o que ocorre em toda carta, naturalmente, sem maiores prejuízos. Esse tempo ausente enunciado parece surgir aí por duas razões: confirmar a extensão da “carta sem fim” que o sujeito escreve, que pode então ser mensurada pelo seu tempo de escrita e não apenas pela sua extensão material; e para recriar a atmosfera do diálogo *in praesentia*, em que um ou outro sujeito pode, por vezes, calar-se, ausentar-se.

Considerações finais

Vivemos, na verdade, em meio a espaços delimitados por arquiteturas urbanas, móveis e decorações intercambiáveis, roupas, alimentos, embalagens: tudo aquilo que, até pouco tempo atrás, chamávamos apenas de “referente”. Vencida a barreira do “hors du texte”, o objeto adquiriu, ao longo dos anos, um novo papel na semiótica: visto como signo, livre também para produzir efeitos de sentido.

Neste artigo, diante da correspondência de Mário de Sá-Carneiro, propusemo-nos o desafio de investigar a sua composição material e entender como a natureza do próprio objeto(-suporte) em que se inscrevem os textos(-enunciados) contribui à confecção de uma prática de escrita peculiar. Chegamos assim a perceber que tal *prática de escrita* revela dois posicionamentos de um único sujeito diante da vida que narra pelas cartas: tanto tem a percepção das coerções impostas pelas práticas sociais que o envolvem – quando a elas está (con)formado; quanto vale-se da liberdade de criação – enquanto o poeta que se constrói no discurso – rompendo as barreiras formais e coerções materiais para enunciar sua existência *por meio e para além* das cartas. ●

Referências

- Adam, Jean-Michel. 1998. Les genres du discours épistolaire. In: *La lettre entre réel et fiction*. Friburgo: Editions SEDES. p. 37-53.
- Cunha, Teresa Sobral. 2004. *Correspondência com Fernando Pessoa*. São Paulo: Companhia das Letras. Chap. Notas, pages p. 407-456.
- Fontanille, Jacques; Zinna, Alessandro (Org.). 2005. *Les objets au quotidien*. Limoges: Pulim.
- Fontanille, Jacques. 2006. Textes, objets, situations et formes de vie. In: *La transversalité du sens. Parcours sémiotiques*. Saint Denis: PUV. p. 213-240.
- Fontanille, Jacques. 2008a. *Pratiques sémiotiques*. Paris: PUF.
- Fontanille, Jacques. 2008b. Práticas semióticas: imanência e pertinência, eficiência e otimização *Semiótica e mídia: textos, práticas, estratégias*. Bauru: Unesp/Faac. Tradução de Maria Lúcia Visotto Paiva Diniz et al. p. 15-74.
- Greimas, Algirdas Julien. 1988. Préface. In: *La Lettre: approches sémiotiques : les actes du VIe colloque interdisciplinaire en collaboration avec l'Association suisse de sémiotique (ASS)*. Éditions Universitaires de Fribourg. p. 5-7.
- Grize, Jean Blaise. 1988. Chap. Le dialogue par correspondance. In: *La Lettre: approches sémiotiques : les actes du VIe colloque interdisciplinaire en collaboration avec l'Association suisse de sémiotique (ASS)*. Éditions Universitaires de Fribourg. p. 9-18.
- Landowski, Eric. 2002. *Presenças do outro*. São Paulo: Perspectiva. Tradução de Mary Amazonas Leite de Barros.
- Quere, Henri. 1992. *Intermittences du sens*. Paris: PUF.
- Sá-Carneiro, Mário de. 2004. *Correspondência com Fernando Pessoa*. São Paulo: Companhia das Letras. Edição de Teresa Sobral Cunha.
- Schwartzmann, Matheus Nogueira. 2009. *Cartas marcadas. Prática epistolar e formas de vida na correspondência de Mário de Sá-Carneiro*. Tese de Doutorado em Linguística e Língua portuguesa. Disponível em: (http://www.athena.biblioteca.unesp.br/exlibris/bd/bar/33004030009P4/2009/schwartzmann_mn_dr_arafcl.pdf), Faculdade de Ciência e Letras de Araraquara, Universidade Estadual Paulista, Araraquara.

Dados para indexação em língua estrangeira

Schwartzmann, Matheus Nogueira

La lettre-objet: une analyse sémiotique de la plastique des lettres de Sá-Carneiro

Estudos Semióticos, vol. 8, n. 2 (2012)

ISSN 1980-4016

Abstract: *Ce travail présente la description et l'analyse des structures matériels, morphologiques et pratiques qui organisent et définissent la dimension plastique de la lettre typique dans la correspondance de Mario de Sá-Carneiro à Fernando Pessoa, d'après d'une perspective où les lettres sont définies comme des objets tridimensionnels, au sein d'une pratique sémiotique donnée (la pratique épistolaire). Nous proposons donc, selon les réflexions les plus récentes de Jacques Fontanille notamment, une analyse qui part du niveau de pertinence des textes-énoncés (le niveau d'excellence des analyses sémiotiques d'une manière générale), passe par le niveau des objets-supports et arrive au niveau des pratiques sémiotiques. On cherche d'abord d'établir la nature de l'objet analysé - la « lettre-objet » - pour en extraire une topologie, c'est-à-dire, l'organisation spatio-temporelle et hiérarchique des éléments de la lettre sa-carneirienne, et une typologie, selon laquelle on peut segmenter la correspondance soit comme des lettres typiques, soit comme des lettres atypiques (les lettres qu'on appelle ici « lettres modifiées »). Par rapport aux lettres typiques, on aperçoit le contrôle du sujet sur l'écriture de lettres, ce que lui permet de maintenir une haute régularité thématique et figurative analogue à la topologie régulière qu'il établit. En ce qui concerne les lettres altérées, on aperçoit une « créativité » du sujet qui, sur les contraintes formelles de l'objet-support et de la pratique épistolaire, trouve une forme d'existence inédite qui efface la norme et confirme le rôle thématique de poète inventif que l'épistolier assume dans la correspondance.*

Keywords: *pratique sémiotique, lettre, objet-support, Sá-Carneiro,*

Como citar este artigo

Schwartzmann, Matheus Nogueira. A Carta-Objeto: Uma Análise Semiótica Da Plástica Das Cartas De Sá-Carneiro. *Estudos Semióticos*. [on-line] Disponível em: (<http://www.fflch.usp.br/dl/semiotica/es>). Editores Responsáveis: Francisco E. S. Merçon e Mariana Luz P. de Barros. Volume 8, Número 2, São Paulo, Novembro de 2012, p. 28-39. Acesso em “dia/mês/ano”.

Data de recebimento do artigo: 20/Dezembro/2011

Data de sua aprovação: 18/Setembro/2012
